

151

ROMANCE DA NAU QUE VAI À GUERRA

Prantos com a abalada dos que partem para a guerra no mar e se encomendam à Virgem para que a cobardia os não immobilize.

— Adeus, vós mãe de minh'alma,
que já não torno a ver;
lá vai esta nau à guerra
pelejar até morrer.

Oh, que choro vai na praia!
Embarcam los navegantes;
choram las mães polos filhos;

las moças, polos amantes.
Todos são rapazes novos
que vão à guerra do mar;
homens velhos já nã podem
tamanhos p'rigos passar.
Quando já de mar em fora,
capitão terra nã via,
mandou pôl la gente pronta,
safar su'artilharia;
porque lá longe avistara
galera de Grã-Turquia.
Perguntou lo capitão:
— Quem trazeis em companhia?
Ela de lá respondeu
qu'arrenegados trazia.
Ele c'um Cristo nos braços,
de pop'á proa dizia:
— Soides neto de Sant'Ana,
filho da Virgem Maria;
nã deixeis los Moiros perros
em pontos de galhardia,
e nós que somos cristões,
em pontos de cobardia.
E chegaram-s'um'à outra,
uma e outra à porfia
entraram de combater;
uma nem outra vencida:
tanto era de cabeças,
que no convés nã cabia;
tanto era já de sangue
que todo lo mar tingia;
la bandeir'andav'a rastos;
só la popã combatia ...
Esta nau, que foi prã guerra
já não pelejava, morria.

Versão publicada no *Romanceiro do
Arquipélago da Madeira*, de Álvaro
Rodrigues de Azevedo.